

## “Inocência” e “Experiência” na obra do poeta e gravador William Blake (1789 – 1794): o Limpador de Chaminés como representação da sociedade industrial.

FLAVIA MARIS GIL DUARTE <sup>1</sup>

Ao definir William Blake, Anthony Burgess afirmou que ele é certamente um dos poetas mais originais da literatura inglesa. <sup>2</sup> Blake foi, não apenas poeta, como também gravador, trabalho que foi considerado pelos artistas de seu tempo como inferior à pintura, por sua natureza reprodutiva, no qual as figuras eram feitas geralmente a partir de um modelo pré-existente. Durante sua vida, Blake seria mais conhecido como gravador e não como poeta e buscou afirmar a natureza criativa de seu trabalho buscando uma nova forma de produzir gravuras e unindo estas aos seus poemas, para produzir o que denominou *Illuminated Books* (um tipo de arte composta no qual os poemas interagem com suas correspondentes ilustrações sendo esta interação capaz de produzir múltiplos significados). Embora as ilustrações sejam muito relevantes para a construção da obra blakeana, nesse trabalho optei por trabalhar apenas com os poemas intitulados *The Chimney Sweeper* a partir dos quais é possível analisar as principais questões levantadas por William Blake a partir desse tema. O limpador de chaminés aparece em três dos poemas de *Songs of Innocence and of Experience* de William Blake, recebendo destaque neste trabalho de Blake. Ele aparece no poema *London*, no qual o autor interpreta a cidade de Londres como um todo, e nos poemas homônimos *The Chimney Sweeper*, dedicados aos limpadores de chaminés, nas respectivas versões da “inocência” e da “experiência”. O trabalho dos limpadores de chaminés era mal visto na sociedade inglesa industrial por ser também uma das ocupações exercidas ocasionalmente por vagabundos, conforme considerou Heather Glen. De acordo com essa autora, o limpador de chaminés também era uma figura perturbadora, pois a natureza sazonal do trabalho dos limpadores de chaminés, o fato de que eles perambulavam pelas ruas anunciando e pedindo por trabalho, fazia com que freqüentemente eles passassem a mendigar ou praticar crimes. <sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Social – UEL.

<sup>2</sup> BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 2003. (p. 181).

<sup>3</sup> KORNER, Simon. **William Blake's London**. Disponível em:

Para interpretar o “limpador de chaminés” de Blake levamos em conta uma nova forma de perceber a infância presente no pensamento de vários autores românticos. Observamos muito dessa visão relacionada à infância no pensamento de Jean-Jacques Rousseau. Rousseau foi uma fonte inspiração para os românticos devido ao seu pessimismo em relação à sociedade e à civilização, pois por não acreditar em nenhuma das duas, ele defendeu a existência de uma natureza humana primitiva que aos poucos seria corrompida pela cultura. Porém, não apenas a infância, como também a propriedade, fonte da desigualdade entre os homens, para Rousseau, faria com que o ser primitivamente inocente fosse pervertido no contexto da civilização e da sociedade. Rousseau exaltou também a simplicidade da criação, acreditando que a voz da alma e da consciência, especialmente a religiosa, deveria prevalecer sobre os ensinamentos da civilização. Tendo em vista também estas noções, vários românticos iniciaram uma busca por essa pureza e inocência na vida social, trazendo uma nova visão sobre a criança e o jovem, que passam a ser valorizados a partir da idéia de que se acham mais próximos de uma natureza virginal. (GINSBURG; ROSENFELD, 2008; p. 266).

William Wordsworth se referiu à infância ao escrever o poema “Eu sinto o coração bater mais forte” [*My Heart Leaps Up*], no qual afirmou que “O menino é pai do homem”,<sup>4</sup> questão que seria desenvolvida em “Ode: Prenúncios de Imortalidade em Recordações da Primeira Infância”, a qual podemos observar na seção V do poema.<sup>5</sup> Nesses versos, de acordo com Paulo Vizzioli, Wordsworth mostrou o seu distanciamento “daquela divina fonte de esplendor, que é a perfeição ideal”, por ser um homem adulto e envolvido nas tarefas mundanas. E por isso, o poeta, que foi “exilado de seu verdadeiro lar, a única Realidade, para viver entre Ilusões nas sombras da prisão

---

[http://21stcenturysocialism.com/article/william\\_blakes\\_london\\_01594.html](http://21stcenturysocialism.com/article/william_blakes_london_01594.html) acesso em 16/11/2010.

<sup>4</sup> WORDSWORTH, William (1770-1850). **Poesia Selecionada** / Edição bilíngüe. Apresentação, tradução e notas de Paulo Vizzioli. São Paulo: Edições Mandacaru, 1988. (p. 48-49).

<sup>5</sup> Nosso nascer é sono e esquecimento: / Esta alma, o sol da vida em seu levante, / Se pôs noutra momento, / E vem, de bem distante:/ Não em completo ouvido, / Espírito despido, / Mas nuvens de esplendor traz a arrastar / De Deus, que é nosso lar: / O céu conosco em nossa infância mora! / Sobre o Menino logo caem, porém, as sombras da prisão, / Embora / Ele ainda fite a luz, e de onde vem, / Em sua excitação; / Mesmo ao afastar-se dessa aurora acesa, / O Moço ainda oficia a Natureza, / E a visão inflamada, / Assiste-o na jornada; / O adulto, enfim, sua morte presencia, / E ela se esvai à luz comum do dia. WORDSWORTH, William (1770-1850). **Poesia Selecionada** / Edição bilíngüe. Apresentação, tradução e notas de Paulo Vizzioli. São Paulo: Edições Mandacaru, 1988. (p. 58-59).

da carne, precisa tanto da Natureza, não mais vista como a mãe, mas como a madrasta do homem órfão, a quem adota e busca consolar”.<sup>6</sup>

A criança, porém, diferente do homem adulto, ainda carregava a “luz de Deus”, por ter chegado há pouco neste mundo e, por isso encontrava-se em comunhão com a natureza, sem a necessidade de buscar nela estímulos para a meditação ou indícios de uma verdade exterior. Wordsworth ao dizer no poema que “O céu conosco em nossa infância mora”, mas que não demoram a cair as “sombras da prisão” até que enfim indivíduo adulto presencie a sua morte, se aproximou da visão de Rousseau. Este pensamento pode marcar também a transição da inocência para a experiência que Blake representou em seu trabalho. De acordo com Raymond Williams, esta maneira de ver que foi associada a uma fase perdida da vida, à felicidade e infância, “deu origem a toda uma convenção, na qual não apenas inocência e segurança, mas também paz e abundância foram incorporadas”. (WILLIAMS, 1989; p. 194).

Em suas canções Blake faz diversas referências às crianças como um símbolo da inocência ou, num contraste, como símbolo da perda desta inocência, e podemos dizer que ele condensou os significados de inocência e experiência no personagem “limpador de chaminés”. Por intermédio de *The Chimney Sweeper* de William Blake somos levados não apenas à reflexão acerca do trabalho do limpador de chaminés, sendo possível também fazer outras reflexões a partir desse tema.

Os poemas mostram, através da visão da inocência, o momento em que os meninos começam a trabalhar, assumindo as responsabilidades de um adulto. Através da experiência, o limpador de chaminés representa a perda da infância e da inocência a ela associada, através do trabalho e de uma condição de vida penosa. Neste poema, o menino não apenas tem consciência de sua condição, como também foi corrompido pelo mundo adulto, o mundo da experiência.

Levando em conta as considerações de Jonathan Cook,<sup>7</sup> sobre os diferentes narradores nos dois poemas *The Chimney Sweeper* de Blake, podemos dizer que onde o limpador de chaminés no poema da “inocência” vê dever e obediência, o limpador de

---

<sup>6</sup> VIZZIOLI, Paulo. “William Wordsworth: o ‘sublime egocêntrico’”. In: WORDSWORTH, William (1770-1850). **Poesia Selecionada** / Edição bilíngüe. Apresentação, tradução e notas de Paulo Vizzioli. São Paulo: Edições Mandacaru, 1988. (p. 15).

<sup>7</sup> NOEL, Deborah. **Blake’s Experienced Sweeper: Annotated Bibliography for “The Chimney Sweeper” from Songs of Experience**. Disponível em: <http://www.mrbauld.com/blake1sw.html> acesso em 16/11/2010.

chaminés do poema da “experiência” vê exploração e, enquanto o primeiro se identifica com as imagens religiosas, o segundo observa o cristianismo instituído. Ainda de acordo com Cook, o personagem do poema da “experiência” incorporou uma percepção crítica da realidade que o narrador da “inocência” ainda não possuía, mas os dois poemas elucidam um ao outro, trazendo a tona diferentes aspectos e percepções sobre o mesmo tema.

Martin K. Nurmi, de maneira similar a Cook, considerou a relação entre os dois poemas intitulados *The Chimney Sweeper* e levou em conta alguns dos aspectos relativos ao momento em que foi escrito. Para ele, Blake fez um comentário político criativo nos poemas, e devemos levar em conta também que alguns dos comentários de Blake “[...] sobre a situação dos limpadores seriam bem compreendidos pelos leitores do século XVIII, mas podem perder muito de sua clareza para um leitor moderno que não é familiarizado com a história dos limpadores em Londres. [...]”.<sup>8</sup> Por isso, Nurmi acreditou que delinear uma imagem nítida da vida desses meninos e relacioná-la ao discurso dos narradores dos poemas, pode fortalecer a nossa consciência da ironia que existe nos poemas, pela disparidade entre o tom do discurso dos meninos e as condições às quais eles se referem.

E. P. Thompson considerou que ocorreu um aumento substancial da exploração do trabalho infantil entre os anos de 1780 e 1840, porém não podemos dizer que ele teve início com a intensificação da industrialização. Pois, mesmo antes da década de 1780 era comum a participação das crianças na economia industrial e agrícola e, até que a escola viesse a se tornar imprescindível, elas permaneceriam trabalhando. (THOMPSON, 2004, v.2, p. 202-203).

A profissão de limpador de chaminés era conhecida há muito tempo, porém foi provavelmente no século XVIII que se generalizou a utilização do trabalho de crianças para limpar as chaminés. Entre a última metade do século XVII e durante o século XVIII observou-se o aumento do número de construções de casas refinadas em tijolo. Ao longo desse período a madeira passou a ser substituída pelo carvão e, visto que se necessitava de uma maior quantidade desse combustível, as lareiras foram adequadas, de modo que foram construídos canos mais estreitos nas chaminés. Estes canos menores

---

<sup>8</sup> Tradução minha. NOEL, Deborah. **Blake’s Experienced Sweeper: Annotated Bibliography for “The Chimney Sweeper” from Songs of Experience.** Disponível em: <http://www.mrbauld.com/blake1sw.html> acesso em 16/11/2010.

ficavam entupidos com a fuligem mais rapidamente, fato que não apenas tornava as chaminés menos eficientes como também poderia provocar incêndios se elas não fossem limpas regularmente. (VIGÁRIO, 2004; p. 86).

Os limpadores de chaminés [*chimney sweepers*], também conhecidos como *climbing boys* ou *chummies*, eram crianças pequenas, aprendizes de mestres limpadores de chaminés, empregados para subir as estreitas e sinuosas passagens das chaminés e limpar a acumulação de fuligem. Neste sentido, eles funcionavam como “escovas humanas”, como os definiu Sílvia Vigário.<sup>9</sup>

Na obra de William Blake, percebemos muitos dos aspectos relativos ao trabalho desses meninos no poema *The Chimney Sweeper* de *Songs of Innocence*:<sup>10</sup>

Ao morrer minha mãe, eu era criancinha;  
E meu pai me vendeu quando ainda a língua minha  
Dizia “vale-dor!” De “varredor” não fujo,  
Pois limpo chaminés, e sigo sempre sujo.

Chorou Tom Dacre ao lhe rasparem o cabelo,  
Cacheado como um cordeirinho. E eu disse ao vê-lo:  
“Não chores, Tom! Porque a fuligem não mais deve  
Manchar, como antes, teu cabelo cor de neve.”

E ele ficou quietinho; e nessa noite, então,  
Enquanto ele dormia, teve uma visão:  
Viu Dick, Joe, Ned e Jack, - e mil colegas mais, -  
Encerrados em negros caixões funerais.

E um anjo apareceu, com chave refulgente,  
E abriu os seus caixões, soltando-os novamente;  
E correm na verdura, a rir, para o arrebol,  
E se banham num rio e reluzem ao sol.

Branco e nu, sem mais sacolas e instrumentos,  
Eis que sobem as nuvens, brincam sobre os ventos;  
E esse anjo disse a Tom que, se ele for bonzinho,  
Terá Deus como pai, e todo o seu carinho.

E assim Tom despertou; e, antes do sol raiar,  
Com sacolas e escovas fomos trabalhar.  
Feliz, Tom nem sentia o frio matinal;  
Quem cumpre o seu dever não teme nenhum mal.

---

<sup>9</sup> A autora utiliza esta expressão no capítulo 3 da sua dissertação. VIGÁRIO, Sílvia Manuela Pereira. **Crianças sem Infância: O Trabalho Infantil na Indústria Têxtil e os Limpa-Chaminés (1780-1878)**. Braga, 2004. 148 p. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas.

<sup>10</sup> Tradução de Paulo Vizzioli em: BLAKE, William (1757-1827). **William Blake: poesia e prosa selecionadas**/ Edição bilíngüe. Introdução, seleção, tradução e notas Paulo Vizzioli. São Paulo: Nova Alexandria, 1993. (p. 38-39).

Na primeira estrofe do poema o menino diz que era “criancinha” quando sua mãe morreu e seu pai o vendeu para exercer a função de limpador de chaminés, indicando o fato de que muitas dessas crianças eram vendidas pelos próprios pais, sendo que quanto mais novas fossem mais alto seria o seu preço. Algumas começavam a trabalhar aos quatro ou cinco anos, mas a maior parte iniciava a profissão entre os seis e oito anos de idade. A maioria desses meninos era originária da classe trabalhadora, havendo também alguns filhos ilegítimos de pessoas das classes média e alta. Vários deles eram crianças das *workhouses* que as encaminhavam para este trabalho ao mesmo tempo em que se viam livres da responsabilidade de sustentá-las. Havia também aqueles que eram “alugados” por um tempo determinado. Além disso, havia crianças que eram roubadas/raptadas e aquelas que eram aliciadas para exercer a profissão. (VIGÁRIO, 2004; p. 90-91).

Ainda na primeira estrofe desse poema de Blake existem outros aspectos que devem ser mencionados. No poema o menino diz “E meu pai me vendeu quando ainda a língua minha, / Dizia ‘vale-dor!’ De ‘varredor’ não fujo, / Pois limpo chaminés, e sigo sempre sujo.” [*And my father sold me while yet my tongue, / Could scarcely cry weep weep weep weep / So your chimneys I sweep & in soot I sleep*]. A associação feita entre as palavras “dor” e “varredor” que percebemos na tradução, ocorre no original entre as palavras “varrer” [*sweep*] e “chorar” [*cry, weep*]. Além de se referir a profissão dessas crianças como algo sofrido, é possível que Blake ao mencionar este fato estivesse aludindo à forma como os limpadores de chaminés anunciavam os seus serviços,<sup>11</sup> conhecida como “*crying the streets*”, semelhante ao “*calling the streets*”. Segundo essa prática os meninos ou os mestres limpa-chaminés gritavam nas ruas frases como “varredor para a fuligem” [*“Sweep for the Soot O!” – “Sweep! Sweep” – “Sweep Soot Ho!” – “Sweeeup!”*]. (VIGÁRIO, 2004; p. 94).

No último verso da primeira estrofe quando o menino diz “limpo chaminés, e sigo sempre sujo” [*So your chimneys I sweep & in soot I sleep*], o fato de “viver sujo” ou “dormir sobre fuligem” que podemos perceber no original, não foi apenas uma metáfora que associou os garotos à fumaça das chaminés, mas “dormir sobre fuligem”

---

<sup>11</sup> Podemos encontrar estas observações no trabalho de Harold Bloom. NOEL, Deborah. **Blake’s Experienced Sweeper: Annotated Bibliography for “The Chimney Sweeper” from Songs of Experience**. Disponível em: <http://www.mrbauld.com/blake1sw.html> acesso em 16/11/2010.

também foi uma referência ao fato de que estes meninos muitas vezes dormiam sobre os sacos de fuligem que retiravam das chaminés durante o dia. (VIGÁRIO, 2004; p. 104).

Na segunda estrofe do poema Blake diz: “Chorou Tom Dacre ao lhe rasparem o cabelo, / Cacheado como um cordeirinho. E eu disse ao vê-lo: / ‘Não chores, Tom! Porque a fuligem não mais deve / Manchar, como antes, teu cabelo cor de neve’. Aqui, Blake se referiu ao fato do cabelo dos meninos ser raspado para evitar o acúmulo de fuligem. Quanto a vestimenta dos limpadores de chaminés, eles geralmente usavam um boné, que protegia os olhos e a boca da fuligem, podendo em alguns casos usar também um tipo de túnica de flanela que deixava os pés, pernas e braços descobertos. Em 1788, a lei dos limpadores de chaminés, determinava que os bonés portassem um emblema de latão, contendo o nome e endereço do mestre, para sua identificação. Poucos desses meninos possuíam uma segunda troca de roupa, de modo que usavam dia e noite a mesma roupa até que esta viesse a puir. Especialmente os novos aprendizes sofriam com seus joelhos e cotovelos esfolados tanto na tarefa de subir nas chaminés quanto pelas freqüentes escorregadas. Na pele machucada dos meninos era comum o aparecimento de feridas, não apenas pelos danos constantes, como também pela fuligem acumulada e a higiene precária. (VIGÁRIO, 2004; p. 95). Sintomaticamente, no poema de *Songs of Innocence* após adormecer o menino tem uma visão e, nela, vê vários colegas “Encerrados em negros caixões funerais”. Nesse mesmo sonho aparece um anjo, que liberta os meninos de seus caixões, e eles então “se banham num rio e reluzem ao sol”.

Os limpadores de chaminés possuíam a aparência peculiar de quem acabou de sair de uma chaminé. A fuligem estava estampada em seus rostos, pois o saneamento era inexistente no interior e no exterior das residências no início do século XIX, o que dificultava a higiene diária. (VIGÁRIO, 2004; p. 105-106) Estes meninos enfrentavam, em função de seu ofício, vários problemas de saúde e deformidades permanentes.

Damon <sup>12</sup> comentou a respeito da visão da morte em Blake, que aparece representada pelos “negros caixões funerais”, e também sobre o “anjo” no poema. Para Blake, a morte seria o fim do corpo físico – compreendido por ele como um escudo para proteção da alma neste mundo – e o retorno da alma para a eternidade. Para ele, a morte existe apenas na mente consciente/racional e no mundo material e só pode ser

---

<sup>12</sup> DAMON, Samuel Foster. **A Blake Dictionary**. University Press of New England, 1988. (p. 99).

compreendida no mundo da experiência, pois ela é parte da mudança inerente à própria dinâmica natural da vida.

No sonho de Tom Dacre a morte pode ser representada, segundo Damon, pelo anjo que abre o caixão libertando os meninos. Os anjos normalmente são representados como mensageiros, mas Blake raramente empregou essa idéia. Para ele qualquer voz ou visão da “eternidade” pode ser representada através de um anjo, por isso essa figura pode assumir diferentes formas. Nas “canções”, os anjos são aqueles que misericordiosamente trazem a morte, particularmente às crianças, libertando-as para a eternidade. (DAMON, 1988; p. 22).

Os poemas da inocência têm as crianças, as suas brincadeiras e risos e o seu comportamento, que é retratado de forma semelhante ao cordeiro, como inspiração. A obra como um todo prega a onipresença de Deus e dos anjos da guarda. Apesar dos sofrimentos retratados ao longo da obra como o do “menino negro” e do “limpador de chaminés” a mensagem da obra é justamente a transcendência desse sofrimento, por meio do conforto e calor da fé. Os anjos são as figuras que aparecem para proteger as ovelhas, como o anjo que aparece no poema de Blake “com chave refulgente”, abrindo os caixões dos meninos, libertando-os. Nesse trabalho, o poeta apontou para a relevância da fé e o poema finaliza dizendo: “E assim Tom despertou; e, antes do sol raiar, / Com sacolas e escovas fomos trabalhar. / Feliz, Tom nem sentia o frio matinal; / Quem cumpre o seu dever não teme nenhum mal”. Os pobres continuam pobres, os limpadores de chaminés se levantam “antes do sol raiar” para trabalhar na fuligem, mas embora a manhã estivesse fria é o manto da inocência que os mantêm “felizes e aquecidos” [*Tho’ the morning was cold, tom was happy & warm*]. (ERDMAN, 1954; p. 117-118). Os behmenistas frequentemente identificaram a alegria das crianças com o paraíso, esta associação pode ser observada em Mateus: “Deixem as crianças, e não lhes proibam de vir a mim, porque o Reino do Céu pertence a elas”. (MATEUS 19, 14).<sup>13</sup>

Thompson também considerou a questão do aparecimento das crianças em *Songs of Innocence* e da concepção desta obra, como um todo, relacionadas ao interesse de Blake pelo trabalho de Swedenborg e pela igreja da Nova Jerusalém. Encontramos

---

<sup>13</sup> Consideração feita por Samuel Foster Damon. Ver: DAMON, Samuel Foster. **A Blake Dictionary**. University Press of New England, 1988. (p. 81).

algumas referências sobre associação feita entre a inocência e as crianças também na publicação swedenborgiana *New Magazine* em 1790:

Inocência é o receptáculo de todas as boas coisas celestiais e, portanto a inocência das crianças pequenas é o lugar e o fundamento de todas as suas afeições pelo bem e a verdade, e compreende uma resignada obediência ao governo do Senhor, e uma renúncia da vontade própria do homem... mas a inocência das crianças pequenas não é uma inocência genuína porque carece de sabedoria; a inocência verdadeira é sabedoria...<sup>14</sup>

Swedenborg sugeriu a Blake qual o estado das crianças no paraíso. Pode ter sugerido a Blake também a idéia de trabalhar com pares de opostos, o que nos leva a crer que quando *Songs of Innocence* foi elaborada, o poeta já tivesse em mente o seu oposto, *Songs of Experience*, ainda que este último trabalho tenha tomado uma forma diferente do que ele esperava durante os anos de interesse pelo swedenborgianismo. Na passagem acima relatada percebemos também as limitações da “inocência”, pois “a inocência das crianças pequenas não é uma inocência genuína porque carece de sabedoria” e podemos perceber a necessidade de seu oposto e complementar: a experiência. As “canções” podem assim ter evoluído: “[...] algumas sobre as primeiras afeições e compreensões, outras mostrando a “resignação submissa” e a renúncia da vontade, e outras tratando da *potentia* humana”. (THOMPSON, 1994; p. 170).<sup>15</sup> Creio que o “limpador de chaminés”, conforme representado no estado da “inocência” pode ser enquadrado nos dois primeiros grupos.

Blake transformou seu interesse inicial pelo swedenborgianismo em desencanto, o que levaria a concepção de *The Marriage of Heaven and Hell*, e a partir desse período, percebemos que ele estava renovando seu interesse pelo behmenismo e possivelmente pelo muggltonianismo. Junto a estas concepções religiosas observamos a crítica social e política que será mais aberta em *Songs of Experience*. (THOMPSON, 1994; p. 173).

A mudança da representação do limpador de chaminés pode ser observada no segundo poema *The Chimney Sweeper*:

---

<sup>14</sup> Tradução minha. *New Magazine*, vol. 1 (maio, 1790) p. 111. In: THOMPSON, E. P. (1924-1993). **Whitnes against the Beast: William Blake and the moral law**. New York: The New Press, 1994. (p. 170).

<sup>15</sup> Tradução minha.

*The Chimney Sweeper (Songs of Experience):* <sup>16</sup>

Na neve há um pontinho bem negro que vai  
E diz “varre-dor!” com os tons do pesar!  
“Responde: onde estão tua mãe e teu pai?”  
“Os dois foram juntos à Igreja rezar.

“Como entre os espinhos mostrei que era forte,  
E ria no inverno, entre a neve a tombar,  
Vestiram a mim com as vestes da morte,  
E a mim ensinaram os tons do pesar.

E, como feliz eu cantei e dancei,  
Acharam que tudo comigo é pilhéria;  
E louvam a Deus e Seu Padre e Seu Rei,  
Que formam um Céu com a nossa miséria.”

Erdman considerou *Songs of Experience* de Blake como uma reação aos panfletos da “Associação para Preservação da Liberdade e Propriedade contra Republicanos e Levellers”. Estes panfletos visavam fazer com que os homens tivessem a consciência de que todas as causas de descontentamento dos republicanos seriam ilusórias e defendiam também que a desigualdade é que sustentaria a piedade e a misericórdia. Para eles, tanto a bíblia quanto a própria experiência mostrariam que a “sociedade não pode existir sem uma classe de pobres”, e seria um dever de todos ensinar aos pobres que seus sofrimentos seriam naturais não podendo ser remediado por novas leis ou mudanças constitucionais, pois já existiam leis para os pobres, *workhouses* e asilos. A partir desta visão, pode-se dizer que, para alguns, o governo cumpria o seu papel, enquanto a religião incentivava a piedade e misericórdia. (ERDMAN, 1954; p. 252-253).

O argumento de Blake, por sua vez, seria que se não houvesse tantas crianças pobres não haveria necessidade de tais instituições ou códigos morais. Para ele, não poderia haver nenhuma ligação vital entre os homens numa terra de pobreza. Rei, Padre, Deus e os pais do menino em *The Chimney Sweeper* não suspeitam do potencial revolucionário na multidão. A fome demonstra o absurdo da campanha contra o vício, e por isso a igreja poderia ser comparada a um celeiro frio.

Os pais do limpador de chaminés transformaram um símbolo de alegria num símbolo de morte: “Vestiram a mim com as vestes da morte, / E a mim ensinaram os

---

<sup>16</sup> BLAKE, William (1757-1827). **William Blake: poesia e prosa selecionadas**/ Edição bilíngüe. Introdução, seleção, tradução e notas Paulo Vizioli. São Paulo: Nova Alexandria, 1993. (p. 50-51).

tons do pesar”, nos diz o menino. Robert F. Gleckner considerou que no poema da “experiência” a criança foi entregue à realidade da morte também porque perdeu a sua imaginação e fé que os meninos no poema da “inocência” ainda possuem.<sup>17</sup> Mas, uma vez por ano ele ainda canta e dança na celebração do *May Day*, um antigo costume, conforme apontou David Erdman. Nesta ocasião as ruas de Londres eram tomadas pelos limpadores de chaminés, que numa apresentação pelas ruas pediam esmolas. Eles usavam uma peruca para cobrir a cabeça suja, batiam suas escovas e espátulas para criar um ritmo enquanto um violinista fornecia a melodia. É por conta desse costume que Blake escreveu estes versos: “E, como feliz eu cantei e dancei, / Acharam que tudo comigo é pilhéria; / E louvam a Deus e Seu Padre e Seu Rei, / Que formam um Céu com a nossa miséria”. A mensagem que o limpador de chaminés transmite aos cidadãos de Londres poderia ser descrita nas seguintes palavras: vocês mantêm a consciência limpa dando algumas moedas no *May Day*, mas se realmente fossem capazes de ouvir o choro desse “pontinho bem negro” que caminha entre a neve vocês e a igreja fria ficariam assustados. (ERDMAN, 1954; p. 254-255).

Geoffrey Summerfield considerou a existência de um antinomismo radical de Blake representado no poema da experiência, e até mesmo uma mensagem de blasfêmia. Este poema é uma reflexão sobre o amadurecimento das pessoas no estado da experiência, por isso mostra uma provocação sobre o verdadeiro amadurecimento espiritual e político, sobre a moralidade da classe média. De forma semelhante, E. D. Hirsch considerou que o poema da “experiência” faz a conexão explícita entre a exploração das crianças e o sistema social, que o primeiro poema não fez.<sup>18</sup>

A condição das crianças na sociedade industrial, entretanto, não seria totalmente ignorada. Num espírito semelhante à lei de 1802,<sup>19</sup> que propôs melhorias sobre as condições de trabalho das crianças nas primeiras fábricas, uma discussão específica

---

<sup>17</sup> NOEL, Deborah. **Blake's Experienced Sweeper: Annotated Bibliography for "The Chimney Sweeper" from Songs of Experience.** Disponível em: <http://www.mrbauld.com/blake1sw.html> acesso em 16/11/2010.

<sup>18</sup> NOEL, Deborah. **Blake's Experienced Sweeper: Annotated Bibliography for "The Chimney Sweeper" from Songs of Experience.** Disponível em: <http://www.mrbauld.com/blake1sw.html> acesso em 16/11/2010.

<sup>19</sup> MANTOUX, Paul. **A Revolução Industrial no Século XVIII**/ tradução de Sonia Rangel. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 1990. Ver nota 135, p. 488.

sobre o trabalho dos limpadores de chaminés foi feita e pode ter sido o motivo pelo qual Blake criou este personagem em sua obra.

A residência de Blake em Lambeth era próxima à “escola de caridade de Lambeth” e ao “Orfanato real para meninas”.<sup>20</sup> As reflexões do poeta acerca da caridade ou ao trabalho infantil podem ter sido motivadas também pela proximidade de Blake com estas questões no período em que suas “canções” foram elaboradas. Blake escreve o primeiro poema *The Chimney Sweeper* exatamente um ano após alguns movimentos filantrópicos defenderem a assinatura de algumas leis em prol dos garotos. David Erdman comenta os movimentos populares e filantrópicos e especialmente o caso dos limpadores de chaminés da seguinte forma:

[...] Em 1788 filantropos asseguraram uma parte da legislação protecionista para os limpadores de chaminés garantindo que um menino não deveria iniciar a profissão antes dos oito anos de idade, que deveria se lavar uma vez por semana, e não deveria ser forçado a subir numa chaminé ainda quente. *The Chimney Sweeper* de Blake lida com os primeiros dois pontos “Eu era muito jovem,” “meu pai me vendeu enquanto minha língua ainda, assustada chorava, lamentava!” No sonho “milhares de limpadores” “se lavavam num rio” e surgiam “nus e brancos.” Isso provavelmente foi escrito durante a agitação pela assinatura da lei, que seria “uma chave luminosa” como a do poema, abrindo os caixões negros nos quais os meninos foram “trancados.” [...] <sup>21</sup> [ERDMAN, 1954; p. 120]

Foram muitas as tentativas feitas para a melhoria das condições de trabalho dos limpadores de chaminés e muitos foram aqueles que pediram pelo fim da utilização de crianças nesse tipo de trabalho. Porém, William Blake, durante a sua vida, não veria nem o fim, nem a melhoria das condições de trabalho dessas crianças. Thompson observou ainda que a oposição ao trabalho infantil, entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, foi feita, em sua maioria, por grupos com algum tipo de interesse particular. Dentre eles, podemos citar os proprietários de terras avessos aos industriais, ou sindicalistas adultos que tinham interesse em reduzir a própria jornada de trabalho ou ainda intelectuais de classe média sem conhecimento desta questão. Dessa forma, muitas das reflexões contemporâneas acerca do trabalho

---

<sup>20</sup> ERDMAN, David V. **Blake: Prophet Against Empire**. Princeton: Princeton University Press, 1954. (p. 266-267).

<sup>21</sup> Tradução minha.

infantil receberam um tratamento político e ideológico (THOMPSON, 2004, v.2, p. 203).

Na literatura inglesa do século XIX, encontramos outra referência ao trabalho de limpador de chaminés, em *Oliver Twist* de Charles Dickens. No terceiro capítulo do livro que “Relata como Oliver Twist esteve quase para conseguir um emprego. Que não seria de pouco trabalho”, um limpador de chaminés manifesta a vontade de tornar Oliver seu aprendiz e tenta negociá-lo com o asilo no qual ele se encontrava.<sup>22</sup> Ao final da negociação, o menino é trazido à presença do mestre limpa-chaminés, e manifesta o seu pensamento a respeito da situação que se apresentava. Nesse momento, “Oliver caiu de joelhos e, de mãos cruzadas, suplicou que o mandassem outra vez para o quarto escuro, que o enforcassem, que lhe batessem, que o matassem, mas que não o despachassem com aquele homem aterrorador”.<sup>23</sup> E assim, Oliver escapou desse trabalho. Através das considerações de Dickens sobre o “limpador de chaminés”, percebemos que essa profissão estava longe de ser, como a definiu o mestre limpador de chaminés no romance, “boa e respeitável”.

Blake escreveu os poemas intitulados *The Chimney Sweeper* entre 1789 e 1794. O ano de publicação de *Oliver Twist* foi 1838. Entre a elaboração do poema de Blake, em que ele retratou a experiência do menino a quem “ensinaram os tons do pesar”, e o romance de Dickens, que descreveu o trabalho dos limpadores de chaminés como “um ofício sujo”, várias décadas se passaram. Entre os séculos XVIII e XIX diferentes leis relativas aos limpadores de chaminés foram aprovadas no parlamento. Porém, a execução desse tipo de trabalho por crianças não teria fim com as medidas legislativas, terminou apenas quando a opinião pública passou a repudiar este tipo de trabalho e os construtores fizessem as alterações necessárias para facilitar a limpeza das chaminés, e para que esta fosse feita de forma simples e segura com o uso de escovas mecânicas. (VIGÁRIO, 2004; p. 136).

Os poemas de William Blake relativos ao trabalho dos limpadores de chaminés estão inseridos num contexto mais amplo, ao mesmo tempo em que dialogam e procuram intervir sobre ele. Eles são um instrumento de reflexão acerca do lugar

---

<sup>22</sup> DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos. 2ª ed. s.d. (p. 22).

<sup>23</sup> DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos. 2ª ed. s.d. (p. 25).

ocupado pelo trabalho infantil na sociedade industrial, sendo tão penosas quanto as do trabalho adulto, ou talvez mais. Eles são, a partir da visão de Blake, um símbolo representativo da decadência do homem no contexto da civilização moderna. O limpador de chaminés pode ser compreendido como um personagem essencial na visão de Blake sobre a cidade de Londres e sua transformação no contexto da industrialização.

## FONTES

BLAKE, William (1757-1827). **William Blake: poesia e prosa selecionadas**/ Edição bilíngüe. Introdução, seleção, tradução e notas Paulo Vizioli. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

..... Milton. Tradução, introdução e notas de Manuel Portela. Lisboa: Antígona, 2009.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos. 2<sup>a</sup> ed. s.d.

EAVES, Morris; Robert N. Essick & Joseph Viscomi (eds.). *The William Blake Archive*. <http://www.blakearchive.org>.

WORDSWORTH, William (1770-1850). **Poesia Selecionada** / Edição bilíngüe. Apresentação, tradução e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: Edições Mandacaru, 1988.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Andréa Lima. **A interação entre texto e ilustração nos illuminated books de William Blake sob o prisma da obra *America: A Prophecy***. Campinas-SP, 2007. 274 p. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 2003.

DAMON, Samuel Foster. **A Blake Dictionary**. University Press of New England, 1988.

ERDMAN, David V. **Blake: Prophet Against Empire**. Princeton: Princeton University Press, 1954.

..... (ed.). **The Illuminated Blake: William Blake's Complete Illuminated Works with a Plate-by-Plate Commentary**/ by David V. Erdman. New York: Dover Publications, 1992.

GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

HAZARD, Paul. **O Pensamento Europeu no Século XVIII, vol. 2**. Tradução de Carlos Grifo Babo. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

KORNER, Simon. **William Blake's London.** Disponível em: [http://21stcenturysocialism.com/article/william\\_blakes\\_london\\_01594.html](http://21stcenturysocialism.com/article/william_blakes_london_01594.html) acesso em: 04/03/2011.

MANTOUX, Paul. **A Revolução Industrial no Século XVIII/** tradução de Sonia Rangel. São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 1990.

NOEL, Deborah. **Blake's Experienced Sweeper: Annotated Bibliography for "The Chimney Sweeper" from Songs of Experience.** Disponível em: <http://www.mrbauld.com/blake1sw.html> acesso em 16/11/2010.

THOMPSON, E. P. (1924-1993). **Whitness against the Beast: William Blake and the moral law.** New York: The New Press, 1994.

THOMPSON, E. P. (1924-1993). **A formação da classe operária inglesa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

VIGÁRIO, Sílvia Manuela Pereira. **Crianças sem Infância: O Trabalho Infantil na Indústria Têxtil e os Limpa-Chaminés (1780-1878).** Braga, 2004. 148 p. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas.